

Mulheres e semblantes II¹

Jacques-Alain Miller

Semblantes outra vez.

Desta vez, implicados nas relações entre os sexos.

A propósito, onde estão os homens? Talvez estejam mais cativados pelos semblantes do que as mulheres. Talvez as mulheres estejam mais próximas do real de tal maneira que, ao falar de mulheres e semblantes, sejam os homens que estão no lugar do semblante.

Hesíodo, em sua Teogonia, matriz de um enorme número de mitos parece ter sido o primeiro a falar da raça das mulheres: *genos* e *gynaikon*. Depois, a partir dele, na literatura grega da antiguidade, se fala das mulheres em termos de *ikelon*, que significa esboço, cópia; de *dolos*, que significa logro e de *pema*, que significa praga. Isso quer dizer que caluniar as mulheres é coisa que começou há muito tempo. Semónides, da cidade chamada Amorgos, já havia escrito um poema chamado *Iambi*, no qual não fala de *genos gynaikon*, mas das tribos de mulheres. Nesse poema, recentemente reeditado na Inglaterra, enumera as mulheres. Esse poema é um catálogo, certamente feito sem conhecer o Dom Juan de Mozart, que enumera tipos de mulheres que não chama de *genos*, mas de *phila*, espécies. A primeira palavra do poema é *Koris*, que se traduz como *de lado*, mas atualmente se entende, depois de Lacan, que se deve traduzir como *segundo a diversidade*. Não segundo a unidade, mas segundo a diversidade. É com essa palavra que Semónides começa seu poema.

Entre outras coisas, tenho a ideia arriscada de acrescentar um tipo ao seu catálogo. Um tipo de mulher. Vamos encontrá-la no transcurso dessa hora.

As citações mencionadas são suficientes para se pensar que a formulação de Lacan de que A mulher não existe e que há somente mulheres, era algo conhecido desde sempre, pelo menos desde os gregos. Agora que a fórmula de Lacan é bastante conhecida pelo público, ao menos por vocês, podemos tomá-la como ponto de partida.

A mulher não existe não significa que o lugar da mulher não exista, mas que esse lugar permanece essencialmente vazio. E o fato dele ficar vazio não impede que algo possa ser encontrado ali. Nesse lugar se encontram somente máscaras; máscaras do nada, suficientes para justificar a conexão entre mulheres e semblantes.

A que chamamos semblante? Ao que tem a função de velar o nada. Por isso o véu é o primeiro semblante. Como testemunham a história e a antropologia, uma preocupação constante da humanidade consiste em velar, cobrir as mulheres. De certo modo é possível dizer que as mulheres são cobertas porque A mulher não pode ser descoberta. De tal maneira, que é preciso inventá-la. Nesse sentido, chamamos de mulheres esses sujeitos que têm uma relação essencial com o nada. Trata-se de uma expressão prudente, de minha parte, porque todo sujeito, tal como Lacan o define, tem uma relação com o nada. Mas, de certo modo, esses sujeitos que são mulheres têm uma relação mais essencial, mais próxima com o nada.

Trata-se do que Freud dizia ao relacionar esse nada com um nada corporal, um nada anatômico. Talvez essa fosse sua maneira de pensar o vínculo das mulheres com o nada. Em seu artigo de 1932, Freud enumera algumas particularidades psíquicas da maturação feminina, como se expressa, entre as quais destaca o pudor. E situa a função do pudor a partir

do que seria uma intenção inicial de velar a ausência do órgão genital. Há aqui um paradoxo do pudor: segundo Freud, ao mesmo tempo em que ele vela a ausência, a constitui como algo. Ou seja, ao velar também se cria, se faz nascer, se faz surgir. Seguindo as variações históricas do pudor se percebe que o pudor é uma invenção que, de acordo com sua localização, dirige o olhar.

De modo que também seria possível dizer que o pudor faliciza o corpo. Não faltam testemunhos de homens, na literatura e na clínica, para os quais o pudor aparece em seu valor fálico. O véu do pudor pode efetivamente dar valor de falo, como diria Freud, a qualquer parte do corpo, o que demonstra que o manejo do véu faliciza.

Há pouca distância entre o pudor e o respeito. No respeito há algo que não se deve ver, não se deve tocar. Assim como o pudor, o respeito aponta para a castração. Respeitar talvez seja sempre respeitar a castração. Quanto ao pedido de que se respeite a distância, por exemplo, em relação ao pai: o que se respeita no pai a não ser o que Lacan disse uma vez – sua qualidade de ex-combatente! O nada está sempre em jogo quando há respeito e por isso, correlativamente, existem os ultrajes, que podem tomar valor erótico. Nos grupos analíticos se observa, às vezes, o que Lacan assinala como um respeito delirante, como um pedido muito exigente de respeito por parte dos velhos, ou dos que se colocam nessa posição. Trata-se, evidentemente, de algo que tem a ver com o fato de que o analista não existe, e por isso o respeito e suas suscetibilidades ocupam, no funcionamento de um grupo analítico, mesmo que este seja uma Escola, um lugar que pode ser considerado excessivo.

Diferentemente de Lacan, parece que Freud se limitava a uma diferença anatômica da mulher, considerando sua castração efetiva, que ela estava de fato marcada por um

sinal de menos. Porém, quando se admite uma construção que leve a apontar o fato desse menos, resta a questão de sua subjetivação, ou seja, o que acontece, que sentido adquire para o sujeito seu não ter. Freud propôs como significação fundamental desse não ter o que chamou de *penisneid*, nome freudiano da subjetivação do não ter. Assim se abrem as portas para o que poderíamos chamar de clínica "feminina". Sem nenhuma pretensão de exaustividade, desde já se pode falar de clínica "feminina" diretamente a partir da definição do menos. É possível, por exemplo, falar do lugar ocupado pelo sentimento de injustiça, tema que pode chegar a preencher as sessões analíticas. Quase poderíamos falar de uma fantasia de injustiça fundamental. Poderíamos talvez dizer, não deixaria de ser divertido, que a própria origem do conceito de injustiça deveria ser procurada na queixa feminina.

Poderíamos também falar, nesse capítulo da clínica "feminina", da extensão, da frequência, da constância habitual de um sentimento de menosprezo que também se une ao que podemos colocar, de maneira um pouco grosseira, no parêntese de um sentimento de inferioridade. E me parece, por exemplo, que a clínica da inibição tem na clínica "feminina" acentos distintos da dos homens. Ela não se manifesta somente na inibição do saber ou do estudo, mas frequentemente tem em seu cerne um não ter direito de saber. O não ter se sublima no não ter direito, ou seja, em uma ilegitimidade que não tem esse peso na clínica masculina.

Freud enfatizou os suplementos que o sujeito pode encontrar ou inventar para seu menos, para esse menos fundamental com que o sujeito se relaciona. Por isso dirigiu a investigação analítica para os bens que podem chegar a preencher esse buraco do menos, acentuando o obter, o dar. Efetivamente, o próprio Lacan adorava

assinalar essa denominação de "burguesa", que na fala popular da França pode designar a esposa: "minha burguesa"². Isso significa que ela é quem acumula o dinheiro da família, que a ela foi especialmente atribuído o cuidado com o dinheiro familiar. A criança foi também incluída por Freud nessa série de tal maneira que, em certo sentido, a própria maternidade pode ser considerada como fazendo parte da patologia feminina. Transformar-se em mãe, no Outro da demanda, é se transformar naquela que tem, por excelência.

"Transformar-se em mãe é a solução para a posição feminina?" é a pergunta que permanece aberta.

Podemos dizer que se trata de uma solução do lado do ter, e que não é seguro que Freud tenha elaborado outra solução para as mulheres a não ser essa.

Há, entretanto outra solução, ou outro registro de solução, que é a do lado do ser. Esta consiste em não tapar o buraco mas metabolizá-lo, dialetizá-lo sendo o próprio buraco, ou seja, fabricar um ser com o nada. Também desse lado se abre toda uma clínica "feminina", a da falta de identidade, que tem nas mulheres uma intensidade nada comparável com o que pode ser encontrado nos homens. A tal ponto que somos quase obrigados a falar de um ser de nada e de uma dor específica desse ser de nada. À falta de identidade também se soma uma falta de consistência, observável nos testemunhos de um sentimento de fragmentação corporal que pode ir tão longe que leva a pensar em psicose e estimular perguntas de diagnóstico diferencial. Nesse mesmo capítulo podemos colocar a falta de controle, esse afeto segundo o qual se sente escapar o domínio do corpo. Há na clínica feminina testemunhos de dor psíquica ligada a um afeto de não ser, de ser nada, com momentos de ausência de si mesmo. Também há testemunhos de uma estranha relação

com o infinito, que pode se apresentar no nível do finito, ou seja, no nível de um sentimento de incompletude radical. Certamente conhecemos a solução que consiste em ser esse buraco, porém, na relação com o Outro como se, para escapar da falta de identidade, uma solução fosse deslocá-la para o Outro atacando sua completude e em pensar que falta ao Outro varonil um buraco, e tratar de encarná-lo. A essa variante também corresponde ser o que falta ao Outro positivando-o, o que Lacan trouxe para a clínica com a expressão ser o falo.

É preciso nos darmos conta de que, quando nós mesmos falamos em ser o falo, essa expressão já implica certo desprezo pelo ter do Outro varonil. No ser o falo já está contida uma redução do ter do Outro a semblante.

Lacan não diz somente que A mulher não existe. Afirma, além disso, que há verdadeiras mulheres, expressão que constitui para nós um problema. Entende-se que mulher e verdade possam ter algo a ver com o que se diz que depende do semblante, já que a verdade é distinta do saber e tem estrutura de ficção. Também se entende que as mulheres possam ser localizadas como a verdade de um homem, na medida em que reduzem as sublimações masculinas a mentiras e encarnam, enquanto A mulher não existe, o fracasso do seu conceito.

Porém, o que seria uma verdadeira mulher?

Há uma resposta muito simples: para Lacan o verdadeiro, em uma mulher, se mede por sua distância subjetiva da posição da mãe. Porque ser uma mãe, ser a mãe de seus filhos, é para uma mulher querer se fazer existir como A. Fazer-se existir como A mãe é se fazer existir como A mulher que tem.

Quando Lacan deixa escapar o grito: "Esta é uma verdadeira mulher?"

Por um lado, acredito que essa expressão deve ser sempre usada desse modo, mas não se trata de construir o conceito de A verdadeira mulher. Verdadeira mulher só se pode dizer uma a uma e numa ocasião específica, porque não é certo que uma mulher possa se manter na posição de uma verdadeira mulher. Trata-se de algo que só se pode dizer como *tyche*. "Esta é uma verdadeira mulher" só se pode dizer em um grito de surpresa, seja de maravilha ou de horror, e talvez só quando se percebe que visivelmente a mãe não tapou nela o buraco. Algo que se articula ao sacrifício dos bens, ao sacrifício de todo ter, e talvez por isso a mulher tenha merecido esse grito quando consentiu com a modalidade própria de sua castração. Lamento, pois, não poder oferecer-lhes um modelo de mãe suficientemente boa, como Winnicott, nem um modelo de esposa como apoio.

Porém, por outro lado, quero dizer algo mais sobre uma personagem que tem algo para ilustrar, para nos dar um modelo, certamente extremo – não para se identificar – do "isso é uma verdadeira mulher", como discretamente indica Lacan. Ele o faz muito mais discretamente do que eu, mas como já se passou muito tempo, me parece que agora é possível apresentá-la: Medeia.

Medeia havia feito tudo por seu homem, Jasão. Havia traído seu pai, seu país, havia convencido as filhas de Pelias a matá-lo e por isso, como sabem, vivia no exílio em Corinto, junto ao marido e aos filhos. Isso está assinalado no começo da peça de Eurípedes, onde nos é explicitamente dito que ela tratava de consentir com tudo o que Jasão queria. Não havia nenhuma desavença, era esposa e mãe perfeita. Talvez um pouco delinquente, um pouco bruxa, se quiserem, mas perfeita como esposa e mãe. Então Jasão lhe anuncia que quer se casar com outra, a filha de Creonte. Como diz Medeia, é um ultraje.

Ela passa pelo que poderíamos chamar, em nossas palavras de hoje, um momento de depressão. Em suas palavras, perdeu a alegria de viver, está tomada pelo pranto, como expressa em seu belo canto "Entre todos os seres que têm alma e pensamento, as mulheres são as mais desgraçadas".

Entretanto Jasão lhe diz lindas palavras, dá explicações, lhe assegura quanto às suas boas intenções, lhe promete se encarregar dos filhos, pagar seus gastos... Mas ela recusa suas ofertas porque, como diz explicitamente, já está em uma zona onde o ter não tem nenhum valor se lhe falta esse homem.

É preciso reler como elabora sua vingança. Não se propõe matar o infiel, o que seria demasiadamente simples, mas matar o que ele tenha de mais precioso, ou seja, sua nova mulher e seus próprios filhos. O valor disso em Eurípedes é admirável, já que Medeia é apresentada como uma mãe que ama profundamente seus filhos. Fala com encanto de como eram, do que esperava deles, como se fossem estar com ela até sua morte e acompanhar seu enterro.

Agora, porém está preparada para matá-los – por isso se trata da obra de teatro mais horrível – e o faz. Mata seus próprios filhos, que são também de Jasão, o que permite dizer que o que há de mulher nela supera o que há de mãe. Não se deve imitá-la, mas ela constitui o exemplo radical do que significa ser mulher mais além do que mãe. Com esse ato, sai de sua depressão. Ela está toda nesse ato, a partir do qual todas as palavras são inúteis, saindo decididamente do registro do significante.

Pois bem, preciso acrescentar, embora não vá desenvolvê-lo, algo que está muito presente em toda a peça, que é o saber de Medeia. A palavra *episteme* é adequada e lhe cai bem. Quando Lacan se refere a Medeia é por uns versos nos quais ela aparece na posição de sábio, daquele

que sabe, sem deixar de fazer eco com a posição do analista. De fato, os versos citados por Lacan não são os do crime de Medeia, mas os que ela diz a Creonte: "Se dás aos ardilosos conhecimentos novos, resultas um inútil e não um sábio. E se há quem te considere superior em saber aos que se passam por sabichões serás visto na cidade como um ser ofensivo".

Para Lacan, discretamente, o ato de uma verdadeira mulher – não vou dizer que seja o ato de Medeia, mas sim que tem sua estrutura: o sacrifício do que tem de mais precioso para abrir no homem o buraco que não poderá ser preenchido. Trata-se certamente de algo que vai mais além de toda lei e todo carinho humano, mas não porque passe por cima deles, como pensava Goethe.

Uma verdadeira mulher explora uma zona desconhecida, ultrapassa os limites, e se Medeia nos dá um exemplo do que há de extraviado em uma verdadeira mulher, é porque explora uma região sem marcos, mais além das fronteiras. É preciso também sublinhar que ela atua com o menos e não com o mais. No próprio cerne de uma situação em que aparece sem defesa, encontra uma espada mortal. Consegue fazer do menos sua própria arma, que tem mais força e eficácia do que todas as armas dos guerreiros. Acrescentemos que ela o faz por um homem, em estrita relação com ele.

Lacan reconheceu o ato de Medeia no ato da mulher de André Gide. Seria possível ridicularizá-la: esposa virgem, protestante, de espírito pequeno burguês, cativa das ideias do seu âmbito social e que permaneceu ao lado de Gide na postura de um anjo sacrificado e imóvel. Mas o que Lacan aponta é precisamente seu ato – queimar as cartas de Gide – denominadas por ela própria como o que tinha de mais precioso. Eram as cartas de amor de André Gide, correspondência que durara anos e anos, a partir do primeiro encontro. Ele também nos diz que elas eram o que

ele tinha de mais precioso, que nunca houve correspondência mais bela, essa que chama de filho que nunca teve. Nesse contexto encontramos a frase de Lacan referindo-se a Gide: "Pobre Jasão, não reconhece Medeia." Não reconhece de fato Medeia em sua angelical esposa – pobres homens que não sabem reconhecer nas esposas as Medeias! Porque não há justa medida, como desejaria um personagem da obra de Eurípedes, não há negociações, mas uma emergência do absoluto.

Nesses casos, seja à maneira da Medeia ou de Madeleine Gide, trata-se de reações à traição do homem, como um castigo.

Lacan também reconhece outras modalidades quando assinala que não há limites para as concessões que uma mulher pode fazer por um homem, seja do seu corpo, de sua alma, ou de seus bens. Concessão significa ceder, e cada uma é capaz de ir em direção ao não ter e nele se realizar como mulher.

O homem "lacaniano", tal como atravessa os seminários e os escritos, é pelo contrário um ser pesado, estorvado, embaraçado pelo ter. O ter é um estorvo e, como ele tem algo a perder, está condenado à cautela. O homem "lacaniano" é fundamentalmente medroso e, quando vai à guerra é certamente para fugir das mulheres, do buraco. Assim, o homem não é sem semblantes, mas estes servem para proteger seu pequeno ter. Não se trata do semblante propriamente dito, o feminino, que é propriamente máscara da falta.

Seria possível falar da subjetivação do órgão genital no homem. Isso poderia ser feito com o título O tenho, para distingui-lo de O tango³. O tenho, que dá ao proprietário um sentimento de superioridade, é um bem que implica também o medo de ser roubado. Eis uma covardia masculina que contrasta com o sem limites feminino. O tenho está

claramente vinculado à masturbação. O gozo fálico é por excelência gozo de proprietário. Significa que o sujeito não dá a ninguém a chave da caixa, chegando às vezes até a proteger-se com a impotência, e de modo satisfatório. Ocorre que, quando finalmente chega a dar, é como se fosse vítima de um roubo a tal ponto que conserva em um canto a masturbação como refúgio para preservar um gozo para si próprio: um para ela, outro para mim.

Mas deixemos de lado o ter do homem. Lacan, contrariamente a Freud, pensava de forma diferente que não há solução para a mulher do lado do ter e que, nessa vertente, elas sempre acabam falsas ou inautênticas. O que significa viver sob a significação do ter? Para arriscar uma resposta, vou introduzir com cuidado essa personagem que é a mulher com postiço.

A mulher com postiço é aquela que se atribui artificialmente o que lhe falta com a condição de que sempre, em segredo, o receba de um homem. Na mulher com postiço o parecer é essencial, na medida em que isso deve parecer como sendo dela mesma, de sua propriedade.

Esclareçamos uma ambiguidade no conceito de mulher fálica. Devemos distinguir a mulher fálica, que chamei de mulher com postiço e que se constitui do lado do ter, como a mulher que tem, da mulher que se constitui do lado do ser o falo. Uma não tem nada que ver com a outra, embora possam se encontrar divididas na mesma.

Uma mulher que se constitui do lado do ser o falo assume sua falta a ter. É a partir do reconhecimento de sua falta a ter que consegue ser o falo, o que falta aos homens. Pelo contrário, a outra esconde sua falta a ter e desfila ostentando ser a proprietária a quem não falta nada nem ninguém. Apenas aparenta ser igual a uma mulher, o que se nota na maneira selvagem com que protege seu bem, com um traço de *Ubriss*, de excesso.

A segunda, pelo contrário, a do lado do ser, ostenta a falta. Para Lacan, uma "mulher verdadeira" em sua relação com o homem, lhe permite se manifestar como desejante e, ao assumir o menos, assume também os semblantes que jogam com o menos. Ao contrário, a mulher com postiço denuncia o homem como castrado e não poucas vezes se completa com um homem assim, mantendo-o na sombra.

No final da peça de Eurípedes, quando Medeia parte em um carro alado de sol, mostra a mulher com postiço, o sujeito mais conservador possível, a que pede para não ser olhada de muito perto, exigindo a distância necessária para fazer crer que o postiço é verdadeiro. Exige o respeito como algo tão devido quanto absoluto.

Uma mulher verdadeira, pelo contrário, deixa o homem ver que o ter é ridículo. De certo modo é sua ruína. É mais tranquilo fazer par com a mulher com postiço, para colocar seu próprio bem em uma caixa forte. Essa mulher com postiço, que não parece castrada, não ameaça o homem por não exigir que ele seja desejante e assim recebe o respeito e o descanso da castração.

Uma vez, em Buenos Aires, fiz um comentário sobre umas linhas de Lacan em que pode ser encontrada a palavra postiço. Nos *Escritos*, na página 840 da edição brasileira, quando fala da ausência de pênis que faz da mulher falo, Lacan quase aconselha a evocar essa ausência fazendo a mulher usar um postiço debaixo de um vestido de baile. Evidentemente esta não é uma iniciativa própria da mulher, que com isso apenas demonstra complacência com o desejo do homem ao aceitar seu pedido, prestando-se à sua fantasia. Esse homem é o que não tem medo da castração, do não ter feminino, pois esse postiço "lacaniano" não foi feito para fazer pensar que ela tenha. Pelo contrário, é um sinal de que ela não tem, para indicar sua falta e colocá-la em evidência. Por ser manejado pelo homem, o postiço

"lacaniano" confessa ser um postigo. Trata-se de um postigo que diz "sou um postigo", da mesma maneira que um quadro de Magritte diz "Isto não é um cachimbo". O postigo "lacaniano" é um semblante que confessa ser um semblante, enquanto, pelo contrário, o postigo da mulher mente. É um semblante que diz: "Isto não é um semblante". Ela quer que os outros acreditem nisso, daí o valor que dá ao respeito, considerando um ultraje qualquer falta de respeito.

Seria possível dizer que a mulher com postigo quer o respeito como a si mesma, retomando a frase de Freud referida aos que amam seu delírio como a si mesmos. Correlativamente, respeita e adota os semblantes masculinos, quando o verdadeiro em uma mulher, às vezes escondido, é que não respeita a ninguém nem a nada, e denuncia o próprio falo como um semblante relativo ao gozo. A partir da sexualidade feminina, e somente dela, foi possível localizar o gozo propriamente dito na medida em que ultrapassa o falo e todo significante. A Igreja, antes da psicanálise, havia reconhecido as mulheres verdadeiras. Reconheceu nelas uma ameaça e por isso elaborou para elas uma solução: casá-las com Deus. Tanto é assim que, ainda em nossos tempos, algumas pronunciam esses votos perpétuos de obediência, pobreza e castidade. Esses votos enquadram o gozo mais além do falo. Significam que nenhum homem pode estar no nível desse gozo, para o qual é necessário nada menos do que Deus. Com o voto de pobreza, como proposta da Igreja, o não ter feminino é assumido. Não é por acaso que um autor católico como León Bloy pode escrever a novela *A mulher pobre* para localizar a posição feminina fundamental. A partir disso seria possível localizar tanto a origem do infinito, como também dizer algo sobre a função do segredo. Esse segredo estrutural da palavra, na medida que há algo que não se pode dizer, existe do lado das mulheres. Tanto é assim que ele pode ser condição de gozo para elas, que

podem chegar a gozar do segredo como tal, até constituir a própria mentira como objeto pequeno a. Daí a famosa questão, que atravessa a história, da ignorância das mulheres e de como ensiná-las, educá-las a tal ponto que às vezes elas acabam acreditando que são ignorantes.

Quando na verdade uma mulher, por natureza e pela natureza da palavra, encarna o que não se pode dizer, ela encarna um saber secreto, velado e por isso não se encontra senão em seu próprio lugar como sujeito suposto saber. Todo esse ruído sobre ter que ensiná-las não chega a esconder o medo varonil do saber suposto das mulheres.

Às vezes, certamente, as mulheres necessitam uma análise para se inteirar do saber que lhes é suposto e esta é uma das várias razões pelas quais podemos dizer que a psicanálise convém às mulheres. A psicanálise convém às mulheres porque, como diz Freud, elas encarnam na cultura os sujeitos que se preocupam com a sexualidade, o amor, o desejo, o gozo, temas da psicanálise que são temas das mulheres. Apenas recentemente, como fenômeno de massa, os homens passaram a se encarregar desses temas. Além disso, a posição de objeto pequeno a lhes cai bem, uma vez que exige flexibilidade com relação à fantasia do outro. Talvez possamos dizer algo a respeito das mulheres em análise, pois essa lhes oferece, no início, certo alívio da importância do semblante, certo descanso da captura que, como objeto a, a fantasia do homem exerce sobre elas. Pois sustentar-se nesse lugar cansa. Assim a análise oferece às mulheres o descanso de delegar essa posição ao analista.

Também lhes convém ocupar o lugar de sujeito barrado, esse sujeito que experimenta sua falta de identidade. Há casos que demonstram que elas podem ficar tão apegadas ao papel de objeto a que não podem cedê-lo ao analista, ou então estão tão acostumadas ao papel de sujeito suposto

saber que não podem admiti-lo em outro, muito menos quando se trata de um homem, necessariamente um pouco ingênuo.

Sem desenvolver esses temas, difíceis dado sua generalidade, talvez pudesse mencionar a utilidade de pensar a função distinta da fantasia em homens e mulheres. No desejo masculino Lacan acentua apenas o caráter perverso, por encontrar nele certa homologia com o desejo perverso, em que os objetos são tomados no parêntese do que se escreve Φ , para significar a presença de uma vontade de gozo que necessita de uma fantasia.

Lacan o escreveu como $\Phi(a)$. Esta é a maneira com que primeiro escreveu o desejo masculino, no qual o objeto a figura como objeto parcial, o objeto pulsional. Podemos deslocar essa escrita para a escrita da fantasia masculina, como $S\hat{\Delta}\Phi(a)$, na medida em que o desejo masculino se sustenta em semblantes falicizados. Na experiência da análise se verifica que, ao atravessar os distintos níveis da fantasia, essa fórmula se concentra e acentua a função Φ , o que significa que atravessar os distintos níveis da fantasia e reduzi-la ao osso só torna a função fálica mais insistente.

Em troca, a respeito da escritura do desejo feminino, $\mathbf{A}(\phi)$, embora Lacan tenha elaborado muitas outras coisas depois, é possível dizer que já se pode ler nessa fórmula a relação desse desejo, por um lado, com \mathbf{A} , e por outro com o falo. Ou seja, por um lado, com algo que Lacan repete em seu seminário *Mais, ainda* – que nas vias desse desejo não figura o objeto pulsional, que passa por \mathbf{A} – e por outro, com o suposto objeto genital. De tal maneira que, como essas duas fórmulas indicam, no momento em que um homem encontra as vias do seu desejo, a função Φ se torna mais insistente, ao passo que, quando se abrem as vias do desejo para uma mulher, ela tem acesso ao \mathbf{A} , ou seja, que o Outro não existe.

Às vezes o cinismo feminino nos dá disso uma antecipação, quando lembra aos homens que suas sublimações nada são em comparação com o gozo, e que se enganam com os semblantes. São as mulheres que lembram aos homens que são enganados pelos semblantes, que não valem nada em comparação com o real do gozo. Nisso as mulheres são mais amigas do real que os homens, e têm acesso mais fácil do que eles à verdade de que o falo não é todo e é semblante. Evidentemente, como sujeitos, elas podem terminar do lado de Φ , que é a maneira de escrever o postigo, como também podem se inscrever do lado do ϕ , ou seja, ϕx , brincando de ser toda com o postigo e, claro, escondendo o \mathbb{A} , encarnando-o em um homem castrado.

Isso quer dizer que uma análise do desejo feminino, segundo essa última direção, pode resultar na anulação de \mathbb{A} , o que faz surgir algo como um monstro que diz: seja toda. Isso se dá quando encarnam essas figuras oraculares, como a genial Melanie Klein em sua época, que não duvidava de nada. Porém, quando consegue escapar dessa via, é possível dizer que seu desejo a conduz "naturalmente" ao \mathbb{A} , na medida em que a função Φ impede ao homem a redução do falo a semblante.

Isso pode ser descoberto às vezes através do procedimento do passe. O passante pode ter ou não chegado ao fim de sua análise. Segundo o jurado, pelo menos segundo a experiência francesa, ele se apresenta ao passe quando acha que já cumpriu e encerrou sua conta, quando pensa que já sabe o que a psicanálise pode lhe dar e existe algo que podemos chamar de sentimento de fim de análise.

O analisante se apresenta ao passe no momento em que pode pensar que a deusa da psicanálise realizou seu voto e nesse momento apresenta a joia dela obtida aos supostos experts para que avaliem se ela é verdadeira ou falsa. Através do passe se observa que os analisantes mudam no

transcurso da experiência analítica: os solteiros se casam, os casados se divorciam, as loucas do corpo se acomodam, os obsessivos conseguem pensar em outra coisa e os angustiados gozam em paz. Às vezes não é possível saber se isso se deve à análise ou à idade, porque a única coisa evidente é que os analisantes envelhecem: na França, a duração média de uma análise é de dez anos, e na Argentina penso que é maior.

Mas nem sempre o passante vem para dizer que a deusa realizou sua promessa. Às vezes diz o contrário, que a deusa em nada realizou seu anseio, que rechaçou seus pedidos e ficou sem realizar o que havia pedido à análise. Porém, se faz o passe é porque reconheceu ter aprendido eventualmente que seu próprio voto era um voto de nada, ou que a deusa que poderia realizá-lo não existe. O passante é aquele que se convenceu, verdadeiramente, de que não obterá nada mais da deusa e que nada pode esperar dela. De modo que pede a outra deusa, a da Escola, que realize seu anseio de pertencer ao registro dos analistas dessa Escola.

Nessa vertente, o incurável é o que constitui um mérito para a nomeação: o acesso do sujeito, e seu consentimento, ao incurável. Mas há outros analisantes que dão outro tipo de testemunho, o de que realizaram seus votos e que a deusa lhes deu um presente, lhes deu um dom. Uns e outros testemunham, à sua maneira, que a psicanálise os curou da falta de ser, mas nem sempre da maneira que se esperava.

Para uns, é pela identificação ao sintoma.

São os que não têm mais esperança de se desfazer do sintoma e não esperam mais. Transformaram-se eles próprios no sintoma. Nesse caso, o sentimento de fim de análise traduz o desnudamento do gozo do sintoma, e a revelação desse gozo é o que põe fim à falta a ser.

Para outros, é pela travessia da fantasia.

Se para os primeiros é por um sentimento de necessidade que se conota o acesso ao impossível, para estes últimos há como um afeto de liberdade, ou seja, da possibilidade que dá acesso à contingência. Quando se termina do lado da identificação ao sintoma, há como um sentimento de necessidade e de acesso ao impossível. Do lado da travessia da fantasia há um afeto de liberdade e de acesso à contingência. Aqui o traduzível em termos freudianos do atravessamento da fantasia é a modificação como flexibilização da condição de amor que domina as eleições de objeto.

É possível dizer que aquilo que o passe ensina, visto do lado do jurado – pelo menos essa é a minha conclusão, bastante transitória – é que há uma incidência da diferença sexual quanto à fantasia. Isso significa que há uma pregnância da fantasia na sexuação do homem e que esta, às vezes, longe de permitir um atravessamento do lado do desejo masculino, favorece pelo contrário, uma compressão do mesmo. Não sei se vocês conhecem as obras do escultor francês César, que pode pegar uma pilha de carros e reduzi-la por compressão para fazer uma figura, um cubo de automóveis comprimidos. Pois bem, da mesma maneira, quanto ao desejo masculino, há um resultado possível da análise em que se observa uma tremenda compressão da fantasia, à la César. Como se pelo atravessamento se desnudasse o significante do gozo e o sujeito ficasse como que colado a esse significante último.

Isso se apresenta como uma questão.

Como se, uma vez reduzidos todos os semblantes, esse último ficasse fazendo tela para o **A** a ponto de se poder entender que, a partir da Proposição de 67 sobre o passe, definido como atravessamento da fantasia, Lacan tivesse agregado, como fruto de sua experiência, o final de análise pela identificação ao sintoma.

Esse pode ser outro final de análise. A questão é se esse tipo de final de análise, em que a função fálica permanece, deve ser reconhecido. Nas duas fórmulas de Lacan sobre a sexuação, a do desejo masculino e a do feminino, é possível ver muito bem que isso finalmente se reduz ao primeiro termo. E a questão pode ser como se pratica a análise com a função Φ : às vezes com rigidez, podemos dizer, mas não sem honestidade, às vezes com brutalidade ou com um silêncio de pedra, o que não deixa de ter efeitos positivos. Devemos então reconhecer a identificação ao sintoma como outra modalidade de final de análise?

Freud havia percebido que é assim que se prolonga uma neurose obsessiva, até o ponto em que a doença não pode mais se distinguir da cura. Como diz Freud, os sintomas terminam por representar satisfações – porque para ele satisfação é significação – e essa significação se torna progressivamente a mais importante. O sujeito busca suas satisfações em seus sintomas.

Certamente o mais típico, o ideal do passe, se busca no nível do A , mas é preciso dizer que isso ocorre do lado feminino, e que Lacan privilegiou a saída da análise do lado feminino, assim como definiu a posição do analista de tal maneira em afinidade com a posição feminina, que a última palavra poderia ser: "Homens, mais um esforço..."

Debate

P: Nessa última parte você nos falava de várias formas de finais de análise. Lembrei que, no *Seminário 24*, Lacan menciona o final de análise como "saber lidar com seu sintoma". Isso me pareceu estranho, porque em outro momento ele dizia precisamente que final de análise é a travessia da fantasia, como você destacou. Como compreender essas duas posições?

JAM: O que destaquei precisamente é que a última palavra de Lacan sobre o final da análise talvez não seja o atravessamento da fantasia. Talvez isso se deva ao fato de haver algo impossível em princípio, algo que não se consegue com os "homens". Pelo contrário, o que se consegue, e com anos de análises e reanálises é uma extraordinária compressão, como a crença no falo, que permanece insuperável. Isso implica também que as significações, cada vez mais depuradas, simplificadas são, no entanto, cada vez mais intensas, como uma crença, um apego cada vez mais forte às coordenadas da fantasia.

Ir mais além, para o nada que existe atrás da fantasia, não parece algo obtenível nesses casos. Isso às vezes é difícil de avaliar através do procedimento do passe, mas contrasta sem dúvida com os eventuais testemunhos de desaparecimento da falta a ser nas mulheres, com o surgimento de algo que pode aparecer de um modo fulgurante. Nos homens, em troca, adquire o aspecto de um lento trabalho de desgaste, mais do que de um atravessamento fulgurante. Este último também se consegue com os homens, mas é como se Lacan tivesse aceitado a possibilidade de terminar de outra maneira, como um não mais, não mais além, na identificação com o sintoma. É possível inclusive pensar em quê é um sintoma, se o sujeito está identificado a ele e não há mais queixas. Não se entenderia, certamente, um analisante que se apresentasse ao passe com queixas. Além disso, se depois se queixa de não ter sido nomeado, verifica a *posteriori* que tinham razão em não nomeá-lo.

Talvez isso seja um pouco sofista, mas o inquietante é o que Freud descreve sobre a neurose obsessiva, ou seja, que a certa altura a cura e o prolongamento da doença se confundem, porque o sintoma já não se subjetiviza mais como um elemento exterior ao eu, à personalidade. Às vezes é

preciso reconhecer que isso pode ser resultado da análise, ou seja, que esta acelera e complementa o trabalho da neurose obsessiva – algo que se pode afirmar e que é objeto de um debate absolutamente atual. Por isso o final da análise que tem que ver efetivamente com reconhecer o falo como semblante, no que diz respeito ao gozo, deve ser visto e considerado do lado da sexualidade feminina. Talvez não existam apenas razões sociológicas para o aumento da feminização da psicanálise, mas razões que têm que ver com o que estou, sem muita cautela, explorando esta noite.

P: Queria perguntar sobre a definição de semblante como o que tem função de velar o nada, a relação das mulheres com o semblante e, a partir disso, que relação este teria com a letra. A pergunta é então sobre a relação entre semblante e letra.

JAM: Em francês *la lettre* é ao mesmo tempo letra e carta, de maneira que poderia responder-lhe com as cartas de André Gide. Penso que a letra faz aparecer o caráter de semblante do significante. No nível do significante parece haver uma desimaginarização a tal ponto, que Lacan pode passar do uso clássico do símbolo em análise, que era uma mistura de simbólico e imaginário, à promoção da categoria de significante, desimaginarizando o símbolo. Os símbolos eram representados a partir de imagens estilizadas, certamente, mas mescladas de imaginário. Lacan disse que se tratava do que há nos computadores, que são significantes, traços diferenciais sem imagens. Não se trata, portanto, de imagens, mas de elementos diferenciais, puro simbólico. Assim, ele ensinou gerações de analistas a distinguir o imaginário do simbólico, imagens do significante.

Mas voltando à letra, certamente se reintroduz um elemento imaginário, se trata agora também de caligrafia e o semblante, misto de simbólico e imaginário, volta ao primeiro plano com a função da letra. Há uma arte da letra:

ela pode ser bela, e em tudo isso é reintroduzido o elemento imaginário que Lacan havia separado do simbólico. A importância da categoria de semblante e sua dificuldade para nós, que aprendemos durante anos a separar o imaginário do simbólico, é que ela exige tomar uma perspectiva sobre o que há de comum entre os dois a respeito do real. Isso traduz a diferença entre significante e letra. O significante é puro simbólico, enquanto a letra é simbólico e imaginário, ou seja, semblante. Lacan refere, nesse momento, a letra ao real para interrogá-lo. Trata-se de discernir o real a partir do semblante da letra.

P: Queria perguntar algo que sempre me surgiu como uma incógnita na posição de Antígona, que agora considero poder servir para diferenciá-la do ato de Medeia. Antígona diz que está preocupada em recuperar, digamos, a honra do irmão. Estaria acentuando mais a posição do lado histórico, não tanto do lado do ser, mas do lado do ter. Chega inclusive a dizer que o terrível é o que não se pode recuperar.

JAM: Não vou improvisar um estudo comparativo, mas me parece muito interessante pensar esses termos. Há nas duas certo mais além, mas na verdade em Antígona quem faz o mais além é Creonte, que vai mais além das leis. De certo modo, ela se apresenta cuidando, conservando algo, embora no final talvez seja ela quem entra na zona desconhecida.

P: Em certo momento me pareceu que você descrevia *O cru e o cozido*, de Lévi-Strauss, quando apresenta um universo masculino onde o elemento feminino é o elemento a ser "educado", porque não entraria no conjunto organizado das representações. Quero retomar, para honrar o lado obsessivo que me corresponde, esse tema da representação, porque quando você explicava o tema do ter, o exemplo de Lacan a esse respeito era o bispo Berkeley. Para Lacan, o

idealista diz: eu tenho representações. Destaca a posição subjetiva do proprietário, enfatizando no idealismo a posição do ter. Isso poderia nos levar a colocar as mulheres do lado realista, como se diz comumente, e nossa prosopopeia feminino-masculino não avançaria muito porque pensaríamos que a burguesa tem os pés na terra, enquanto o homem sonha. Seria preciso então perguntar quais seriam os elementos diferenciais que nós, a partir da psicanálise, traríamos às representações cristalizadas que as gerações arrastam em torno do significante varão e do significante mulher.

JAM: Talvez seja possível dizer que a filosofia inglesa tenha realmente se desenvolvido como uma filosofia de proprietários. Suas comparações, as metáforas explícitas de John Locke, por exemplo, nas quais se trata de considerar o que uma pessoa tem em sua cabeça como o que tem em sua caixa, para dela tirar uma moeda falsa, já que todo o problema das representações era avaliá-las para distinguir as verdadeiras das falsas. Em meu passado de estudante de filosofia estive interessado em comparar essa psicologia de proprietário com o interesse de Locke em estudar a moeda como economista. Elaborou um tratado de economia e, como todos os seus contemporâneos, interessou-se pelo nascimento do papel moeda. Tratava-se efetivamente de comparar a representação com o equivalente monetário e de distinguir a moeda verdadeira da falsa. Não sei se já mencionei isso, mas há também um autor grego, talvez Hesíodo, que chama a mulher de *kibdelon kakon*, ou seja, de moeda falsa. A moeda falsa que não tem equivalente universal já constitui certa percepção, um vislumbre de A mulher não existe. Ao afirmar A mulher não existe, Lacan não pretendeu ser original, mas oferecer a fórmula mais econômica, mais lógica, que organiza as maluquices do amor e as bobagens que se tem dito das mulheres, entre as quais

que é possível dizer tudo delas. A mulher não existe também denuncia isso e torna perigoso classificar as mulheres. É preciso fazer um catálogo que permaneça aberto. Portanto não foi na época da psicanálise com Freud, mas somente agora, com Lacan, que temos uma fórmula completamente reduzida do discurso universal sobre as mulheres.

P: Queria relacionar o que você falou sobre o respeito e o que apresentou sobre o final de análise como identificação ao sintoma. A pergunta é: essa identificação ao sintoma no final de uma análise não poderia ser relacionada com uma posição do analista que respeita demasiadamente esse sintoma no paciente?

JAM: Essa é uma linda ideia: o respeito ao sintoma. Entretanto é difícil, porque o que é um sintoma? Um sintoma analítico deve ser subjetivado. Se o paciente não reconhece tal elemento como sintoma, o reconhecimento exterior por parte do analista não deve ser incluído ou isso deve ser feito, no final, seguindo a própria dialética do caso. Se o sujeito não se queixa, o sintoma não está constituído e o respeito aqui se refere a não forçar a inclusão do ponto de vista do analista.

Quanto à questão "o que significa a identificação ao sintoma?" a resposta é nada, a não ser que o sujeito deixa de se queixar. Há duas possibilidades: ou ele não apresenta mais o sintoma ou agora ele é seu sintoma, ou seja, já não há essa discrepância que se evidenciava na queixa. Sobre isso, que pode ser objeto de chacota dentro e fora do âmbito analítico, Lacan formulou um conceito ao dizer que a diminuição da distância entre o sujeito e seu sintoma pode ser um resultado da análise. Isso significa que há certo consentimento com seu modo de gozar através do sintoma. Essa é a outra cara do consentimento e também da assunção da castração e da constituição e aceitação do incurável como tal. Mas quando isso se dá dessa maneira é possível

dizer que essa é uma maneira de terminar uma análise na vertente da necessidade: não cessará de se escrever.

Do lado do atravessamento da fantasia, em troca, há como uma alegria da contingência. Temos então análises nas quais é possível dizer que no final da partida não se alcança um cheque-mate, mas formulações. Nesse último caso a partida termina porque não se pode terminar. Pois bem, a identificação ao sintoma traduz algo desse tipo no final da partida. Saber se é possível ou não confirmá-lo é uma pergunta quase institucional, é um debate.

Tradução: Inês Autran Dourado Barbosa

¹ Essa conferência foi pronunciada em espanhol, em Buenos Aires, em 10/03/1992 e publicada no livro de J.-A. Miller *De mujeres y semblantes*. Buenos Aires: Cuadernos del pasador, 1993, cuja transcrição e revisão coube a Juan Carlos Indart.

² N.T. Em português diz-se "minha patroa".

³ N.T. Jogo de palavras, no original: El tengo, para distingui-lo do El tango.